



ZIERER, Adriana (coord.). *Mirabilia 12*

Paraíso, Purgatório e Inferno: a Religiosidade na Idade Média
Cielo, Purgatorio y Infierno: la religiosidad en la Edad Media
Paradise, Purgatory and Hell: the Religiosity in the Middle Ages

www.revistamirabilia.com

Jan-Jun 2011/ISSN 1676-5818

Nesta edição intitulada **Paraíso, Purgatório e Inferno: a religiosidade na Idade Média**, a *Revista Mirabilia* se dedica a um tema central do período medieval, qual seja, as representações sobre os três lugares do Além, que estão indissociadas das preocupações dos medievos com a salvação da alma, tema fundamental do imaginário medieval. Não se pode esquecer também o papel fundamental da Igreja Católica na construção desses espaços e a preocupação da instituição que os fiéis realizassem boas ações no intuito de atingirem o Paraíso na outra vida.

Neste sentido, vários estudiosos salientam que, a partir do ano mil, a caracterização do Inferno e do seu maior representante, Satã, tornou-se mais detalhada e importante, bem como o combate que deveria ser feito a ele pelos clérigos. Daí muitas vezes, na iconografia, o Diabo adquirir complexidade e horror, tendo os fiéis vontade de se salvar menos pelo desejo do Paraíso do que do medo de irem para o Inferno.

Com relação à ida aos três espaços eternos havia duas concepções. A primeira era a de que os bons no final do mundo iriam para um lugar de delícias, o Paraíso, e os maus para um lugar de suplício, o Inferno. Mas ao mesmo tempo coexistia outra ideia: a de que após a morte alguns eleitos já estariam no Paraíso, muitos no Purgatório, e os que não tivessem se arrependido de seus pecados, já iriam para o Inferno, onde permaneceriam para sempre.¹

¹ Sobre os espaços do “Além” tratados aqui, me reporto ao artigo de Le Goff com o mesmo título no *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado/EDUSC, 2002, v. I, p. 21-34.

O Paraíso Celeste é uma duplicata eterna do Paraíso Terrestre, local onde viveram Adão e Eva antes do Pecado Original e que, depois disso, afastou-se dos humanos. O Éden era um jardim com árvores frutíferas, os quatro rios paradisíacos, e a Fonte da Vida. O Paraíso Celeste guarda alguns desses traços, mas é caracterizado como uma cidade com muros. Lá há paz, claridade, alegria, cânticos, bons odores e frutos deliciosos.

O Purgatório surge no imaginário medieval a partir de meados do século XII e é caracterizado por Le Goff como o “terceiro lugar” do Além, associado às transformações urbanas e ao medo de alguns grupos como os usurários de irem ao Inferno por realizarem uma atividade mal vista por boa parte dos *oratores*, o comércio a juros. Este *locus* está associado à contabilidade do Além e ao aumento do poder da instituição eclesiástica, pois a partir de então os vivos poderiam agir para minimizar o sofrimento dos mortos através de doações ao clero e de missas para obter a salvação das almas, as quais, após cumprir várias penalidades, tinham a chance de chegar ao Paraíso.

O Inferno é caracterizado por um fogo que queima incessantemente os danados, isto é, aqueles que não se arrependeram de seus pecados em vida. Sua concepção é inspirada em suplícios infernais descritos em narrativas orientais, como a *Epopéia de Gilgamesh*. Também na tradição greco-romana há a viagem de Enéias ao Tártaro, onde havia trevas, gemidos, ranger de dentes e estrondos. O Inferno é o local definitivo do sofrimento. No *Dia do Juízo Final* quando Deus vier separar definitivamente os bons dos maus, os danados sofrerão eternamente. O Inferno localiza-se no baixo, caracterizado pela escuridão, mau cheiro, fumaça, ruídos, gritos dos torturados pelos demônios. Tem montanhas escarpadas, lagos gelados, caminhos estreitos e tortuosos. Na iconografia, o local é escuro e vermelho (pelas torturas com o fogo), sede do príncipe das Trevas, Lúcifer, e de seus auxiliares, todos eles com características monstruosas.

Alguns autores são fundamentais para o estudo dos espaços do Além. Dentre eles, Jean Delumeau, com sua trilogia sobre o Paraíso², Jacques Le Goff e Michel Vovelle³, sobre o Purgatório e Jérôme Baschet⁴, sobre o Inferno. Acerca deste local há vários livros relacionados à figura demoníaca, como

² Jean Delumeau: *Uma História do Paraíso: o Jardim das Delícias*. Lisboa: Terramar, 1994; *Mil Anos de Felicidade. Uma história do Paraíso*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997; *O que Sobrou do Paraíso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

³ LE GOFF, Jacques. *O Nascimento do Purgatório*. Lisboa: Estampa, 2003. VOVELLE, Michel. *As Almas do Purgatório ou o Trabalho do Luto*. São Paulo: UNESP, 2010.

⁴ BASCHET, Jérôme. *Les Justices de l'au-delà. Les Représentations de l'Enfer en France et en Italie (XII^e-XV^e siècles)*. Rome: École Française de Rome, 1993.

Lúcifer. O Diabo na Idade Média (São Paulo: Madras, 2003), de Russel e *O Diabo no Imaginário Cristão* (São Paulo: EDUSC, 2000), de Nogueira.

Neste volume 12 da *Revista Mirabilia* há quatro artigos que tratam especificamente do Inferno, do Purgatório e da imagem do Diabo. **Tamara Quirico** salienta que, além da concepção do Inferno, à esquerda, nas representações sobre o Juízo Final está também embaixo. Nas pinturas analisadas pela autora na Toscana do *trecento* um elemento demoníaco é a boca que engole os pecadores, associada ao Leviatã e que também aparece no teatro. As punições aos pecadores estão associadas aos pecados capitais e na iconografia demoníaca pode-se observar os demônios associados a animais, como serpentes, dragões e escorpiões, todos répteis.

Solange Ramos de Andrade analisa a representação do Inferno no Sétimo Círculo na *Comédia* de Dante Alighieri, relacionada às concepções do medievo. Neste local se encontram aqueles que cometeram três tipos de violência. Os que cometeram homicídios – os homicidas, tiranos e ladrões – sofrem como punição ferver no sangue; os que cometeram a violência contra si próprios – suicidas – estão condenados a sofrer continuamente o ataque das harpias, e os que cometeram violência contra Deus – blasfemos, usurários e sodomitas – serão queimados por inteiro numa constante chuva de fogo.

Márcia Schmitt Veronezi Cappellari analisa a figura do Diabo na iconografia medieval, que é associado àquele que trazia tormentos aos humanos e cuja figura foi inspirada por Pã (com chifres e rabo) e também no Deus egípcio. A autora salienta os aspectos animaisescos do Diabo nas imagens, em especial através da pintura *O Juízo Final*, de Giotto, no qual Satã engole as almas dos pecadores. Também mostra uma versão humanizada do Diabo através da imagem *Inferno*, dos irmãos Limbourg (século XV) no qual o ente do mal é apresentado com traços humanos. Mas ressalta que as imagens aterrorizadoras do demônio, bem como as torturas que infligia aos humanos, eram utilizadas pela Igreja Católica como propaganda contra os horrores do Inferno, visando uma boa conduta dos fiéis.

Fátima Regina Fernandes e **Michelle Maschio** também utilizam a pintura *O Juízo Final*, de Giotto, e apresentam a importância do Purgatório no final da Idade Média e o embate lucro *versus* danação. O Purgatório interessa à burguesia, pois assim ela consegue a salvação e, por este motivo, Enrico manda construir a capela e decorá-la. A imagem e a capela Scrovegni foram encomendadas por Enrico Scrovegni, usurário mais rico de Pádua, que desta maneira pretendia ganhar o Paraíso. As autoras discutem a relação entre o mecenas e o artista (Giotto) e mostram que o primeiro, em virtude de seu poderio financeiro, teve influência na composição de *O Juízo Final*. Enrico é

mostrado no afresco entre os eleitos de Deus quando oferta uma maquete à capela da Virgem. Na imagem também é destacada a figura do monstro Aqueronte tragando os danados no Inferno. Ao mesmo tempo, o pai de Enrico é descrito na *Comédia* de Dante Alighieri na categoria dos usurários punidos no sétimo círculo do Inferno. Quanto a Giotto, o artista, é retratado por Dante no Purgatório.

Daniele Gallindo Gonçalves Souza analisa o tema da morte e da transitoriedade do mundo. Daí a importância do Paraíso na obra *Armer Heinrich*, de Hartmann von Aue, do final do século XII, que trata de um cavaleiro pecador que adquire lepra e da crença de que somente o coração puro de uma jovem morta em sacrifício por sua própria vontade seria capaz de salvá-lo. A jovem que se propõe a fazer isso é uma camponesa que está disposta a morrer enquanto não possui pecados, para poder desfrutar dos prazeres da vida após a morte. Entre um dos elementos da pureza da jovem está sua virgindade. Temos aqui a oposição entre o mundo terreno, associado com as tentações, o demônio e os pecados e a vida depois da morte, onde os eleitos podem desfrutar da presença de Deus. A ideia é que o mundo terreno é uma passagem para as delícias do verdadeiro mundo, o mundo Celeste.

Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva e Thalles Braga Rezende Lins da Silva, através de duas obras ibéricas do século XIII – os *Milagros de Nuestra Señora* (Mil), de Gonzalo de Berceo, e o *Liber Mariae* (LM), de Juan Gil de Zamora – procuram mostrar o papel dos marginalizados na sociedade castelhana, associados a condutas desviantes, como a dos usurários, associados ao Diabo, e os eleitos, associados à Virgem Maria e ao Paraíso. Milagres ocorrem, no embate entre o Diabo e a Virgem pela posse das almas, no Céu, por interferência da Virgem, e acarretam a volta do pecador à terra para cumprir uma série de penitências que garantam a sua salvação após a morte. Maria tem acesso ao Inferno, onde pode desfazer o pacto demoníaco, como ocorre na lenda de Teófilo. Já o Diabo não tem acesso ao Paraíso. Maria reeduca os pecadores e permite, com seus milagres, que eles se corrijam e que tenham depois condições de entrar no Paraíso. Como as obras em questão ainda não tratavam do Purgatório, os pecadores precisavam voltar à terra para se redimir.

Com relação ao Paraíso, e ainda versando sobre o papel da figura de Maria, temos o interessantíssimo artigo de **José Maria Salvador González**, que trata da morte e da ascensão da Virgem Maria ao Céu em nove imagens do Quatrocentos, em pintores como Bartolo, Lippi, Fra Angelico, entre outros. Um aspecto a ser destacado é a proximidade entre a Virgem e o Paraíso, já que a mesma é considerada no Cristianismo como a Rainha do Céu que senta ao lado de seu filho. Através da análise iconográfica das imagens, o autor

constata vários traços comuns entre elas. A Virgem ascende aos céus por vontade divina, através de seus emissários, os anjos; Cristo vem receber e trasladar em alma o corpo de sua mãe; há cânticos de anjos e a presença de anjos músicos próximos da Virgem e também a presença de apóstolos no leito da Virgem moribunda, entre outros elementos que denotam a importância e pureza de Maria no Paraíso.

Lidia Raquel Miranda aborda os sentidos e alcances da descrição do Paraíso na “Introdução” dos *Milagros de Nuestra Señora* de Gonzalo de Berceo. Em sua análise, a autora afirma que o autor desenvolveu essa parte de seu texto com base nos últimos dias da história teológica da Humanidade, entendida a partir da compreensão de tempos imaginários.

Moisés Romanazzi Tórres trata do sentido e da razão de Ser do *Paraíso* de Dante Alighieri, e discute a ascensão do poeta pelos diferentes céus, quando se desvencilha de toda ligação com o mundo terreno, até que, iluminado pela verdade, poderia ter acesso ao *Paraíso Celeste* (isto é, a *beatitude teológica*). Esta foi a segunda etapa que lhe conferiu uma nova santidade, a *santidade da graça*. Mas foi somente em um êxtase que Dante pôde concluir o processo de União Mística. Para **Tórres**, só então Dante sentiu seu livre arbítrio se fundir definitivamente com a vontade divina, e passou a obedecer somente ao amor que é a alma do mundo e que move o sol e as demais estrelas.

Matteo Raschiatti desenvolve o tema de Meister Eckhart e o *Paradisus anime intelligentis*. Em seu artigo, o autor afirma que o mestre dominicano não trata do Paraíso em suas obras como de um lugar futuro, porque seu ponto de vista não é escatológico. Para Eckhardt, não há um percurso em direção a uma felicidade futura, mas um retorno à origem. Segundo **Raschiatti**, no *Paradisus anime intelligentis*, Eckhart defende a preeminência do *intellectus* e o próprio Deus é definido como tal, enquanto o *esse* (ser) se refere quase exclusivamente às criaturas. O homem, para realizar sua vocação profunda de ser *unum* com Deus, tem que fazer retorno para Ele.

Mafalda Maria Leal de Oliveira e Silva Frade, com o imaginário feminino na *Virtuosa Benfeitoria* e sua mediação entre o Homem e o Paraíso, analisa as idéias sobre a condição feminina, transmitidas por dez figuras, divididas em três grupos: as *Graças*, as *seis donzelas* e a *Virgem Maria*. Dada a religiosidade característica do período medieval, é dado um papel preponderante à Virgem Maria, apesar das influências mitológicas das Graças e da alegoria das seis donzelas.

Por fim, **María Ángeles Jordano Barbudo**, com seu texto, “Un “vestido floral” para el Jardín del Paraíso: las yeserías mudéjares”, trata da

representação do Jardim do Paraíso, uma constante cultural no mundo islâmico.

Esperamos que nosso volume 12 da *Revista Mirabilia*, agora semestral, contribua, com esses interessantes trabalhos de especialistas de cinco países (Brasil, Argentina, Portugal, Espanha, Alemanha), para a discussão sobre o papel do imaginário e suas representações na Idade Média.

Boa leitura!

Adriana Zierer (UEMA)